

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

KELLY DINIZ XAVIER

**MEMORIAL REFLEXIVO:
AULAS PASSEIO DE FREINET**

Uberlândia
2021

KELLY DINIZ XAVIER

AULAS PASSEIO DE FREINET

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia como requisito final para obtenção do título: Licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Orientador: Dra. Adriana Pastorello Buim
Arena

Uberlândia

2021

AULAS PASSEIO DE FREINET

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia como requisito final para obtenção do título: Licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Educação

Orientador: Dra. Adriana Pastorello Buim
Arena

Uberlândia, 11 de junho de 2021.

DEDICATÓRIA

Faço essa dedicatória aos amigos e colegas, tutores e coordenadores
que contribuíram para minha trajetória acadêmica...

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus pela força, para superar minhas dificuldades;

Ao corpo docente, tutora, coordenadora e professores pelo apoio;

Aos amigos e colegas de turma;

Agradeço à Universidade que nos deu essa oportunidade, que nos abriu essa porta;

Agradeço à minha mãe que mesmo não estando mais em minha vida contribuiu para que isso fosse possível, pois sempre torceu por mim.

*“Se você ouvir seus medos, você vai morrer sem nunca saber que
grande pessoa você poderia ter sido”*

Célestin Freinet

RESUMO

Este memorial reflexivo tem como objetivo apresentar meu desenvolvimento pessoal durante meu percurso escolar e acadêmico além de refletir de forma mais verticalizada a pedagogia popular preconizada por Célestin Freinet, especificamente sobre a técnica aula-passeio.

Palavras-chave: Memorial reflexivo. Célestin Freinet. Aula passeio.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

2 UM PERCURSO DE FORMAÇÃO

3 AULA PASSEIO DE FREINET

4 CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS

1 INTRODUÇÃO

Segundo Souza e Cabral (2015), o memorial se constitui em um exercício de interrogação de nossas experiências passadas para fazer aflorar não só recordações/lembranças, mas também informações que confirmam novos sentidos ao nosso presente. É o resultado de uma narrativa da própria experiência retomada a partir dos fatos significativos que nos vêm à lembrança. Fazer um Memorial consiste, então, em um exercício sistemático de escrever a própria história, rever a própria trajetória de vida e aprofundar a reflexão sobre ela. Esse é um exercício de autoconhecimento. O Memorial está intimamente relacionado a um exercício de reminiscência, isto é, de “puxar pela memória”. É um relato que reconstrói a trajetória pessoal, mas que tem uma dimensão reflexiva, pois implica que quem relata se coloca como sujeito que se autointerroga e deseja compreender-se como o sujeito de sua própria história. Assim, é um esforço de organização e análise do que vivemos. A construção do memorial tem como objetivo contribuir para que os estudantes reflitam sobre suas memórias, histórias de vida e sua identidade, por meio de um processo de análise de suas vivências pessoais, profissionais e acadêmicas.

Nesse sentido, em meu memorial escolhi estudar as Técnicas Freinet, especificamente a aula passeio, no intuito de investigar quais são as características da aula-passeio e quais implicações pedagógicas ela provoca. No que se refere ao estudo verticalizado sobre Freinet o objetivo é o de demonstrar a amplitude que a técnica da aula-passeio pode dar ao ensino da leitura e da escrita.

Por meio da pesquisa bibliográfica foi possível conhecer mais o pensamento do autor. Se referindo a aula passeio ele escreveu: [...] podíamos estar certos de que não era tempo perdido, pois todas as disciplinas escolares tiveram proveito nisso. Era como um filme que se desenrolasse em sequências rápidas, onde a geografia, a história, a aritmética, as pequenas e grandes ciências e por vezes, a grande paixão humana captadas em intuições espontâneas significavam a aurora de um domínio do mundo.” (FREINET 1979, p. 24).

Entretanto, antes de falar propriamente sobre a aula passeio é preciso falar que todas as outras técnicas propostas por Freinet estão interligadas. As aulas-passeio são saídas ao ar livre que oportunizam maior contato com o próprio meio, permitindo descobertas que motivam a criação dos textos livres e que podem fazer parte do jornal, do livro da vida ou mesmo da correspondência interescolar. (BARROS; SILVA; RAIZER, 2017, p. 6-7).

Aquilo que se aprende em uma aula passeio pode ser publicado no jornal escolar. O jornal escolar deve ser realizado cumprindo todo o processo que o envolve. Com o passar do tempo, a escolha das notícias para serem publicadas no jornal se torna cada vez mais democrática, priorizando as mais interessantes. O registro através do desenho, incorporado nas ilustrações das notícias, é muito esperado pelas crianças.

Também na roda de conversa os temas vistos durante a aula passeio podem estar presente. A roda de conversa é o primeiro momento de reunião da turma, é um momento de livre expressão e cada aluno tem a oportunidade de manifestar suas ideias, opiniões e sentimentos. É também um momento em que se planeja o dia, discutem os conteúdos a serem trabalhados e se contam as novidades. A roda final propicia a avaliação das atividades realizadas. É um momento privilegiado de registro e de sistematização do aprendizado.

A correspondência interescolar ocorre durante todo o ano letivo. Essa técnica permite a utilização dos diferentes tipos de linguagens, para que as crianças expressem e comuniquem suas ideias, vontades, curiosidades, estudos, de sorte que as crianças se valem do desenho, da música, da escrita, da poesia, pintura etc. Com a escrita e a leitura das cartas, as crianças são desafiadas e realizam constantes pesquisas e investigações sobre os fenômenos da natureza, o meio escolar, os lugares vizinhos, os bairros, o meio familiar, o meio geográfico. É veículo de divulgação dos álbuns e de troca de informações com outras crianças sobre os estudos em desenvolvimento. A correspondência contribui para a apropriação da linguagem escrita e oral pelas crianças, as quais participam ativamente de cada momento do processo de elaboração das cartas. As cartas se transformam em materiais de consulta das crianças, uma vez que ficam expostas na sala.

O livro da vida é o registro dos acontecimentos mais marcantes da classe. Nele, o professor e/ou alunos inserem textos produzidos na classe ou podem registrar um fato importante que ocorreu na turma ou fora dela, como um passeio, uma visita, atividade significativa vivida pelo aluno, pelo grupo de alunos, pela família e pela comunidade. Esse registro vai-se constituindo ao longo do ano como um diário da classe ilustrado com desenhos, fotografias, relatos, depoimentos, os quais passam a fazer parte da memória do grupo; - O álbum da turma configura-se em uma coletânea de materiais elaborados pelas crianças sobre um determinado assunto que lhes desperte o interesse. Por meio de investigações individuais ou coletivas, as crianças conhecem o meio em que vivem, sua história, sua geografia, as pessoas, sua organização em comunidade, seus costumes, as características do ambiente.

2 O PERCURSO DA VIDA

Nesse memorial descritivo tem como objetivo apresentar minha experiência escolar, minha trajetória desde minha infância, meus confrontos e desafios.

Comecei minha vida escolar aos quatro anos de idade, morava em Pedro Leopoldo (BH) Minas Gerais, uma cidadezinha do interior. Morava em uma casa simples, bem humilde, com minha mãe, meu pai, duas irmãs mais velhas. Minha mãe pegava roupas para lavar em casa, era o seu ganha pão, meu pai há muito estava desempregado, pois era alcóolatra e já não conseguia mais trabalhar. Minhas irmãs, já estavam na escola, no primário como se dizia antigamente.

Naquela época frequentava o jardim de infância, meu uniforme era um short vermelho, camisa xadrez branco com vermelho, tênis conga, vermelho e branco e meias brancas, bem no alto da perna, gostava muito do uniforme e da escola que frequentava, apesar de alguns conflitos que tinha lá com colegas. Vou relatar umas das minhas batalhas nessa escola.

Minha mãe que cuidava do meu uniforme e de minhas irmãs, nunca deixou a gente usar uniforme sujo, sempre tinha uma reserva. No início da minha vida escolar, ela me lembrava das tarefas de casa, mas não me recordo de alguém me ajudar com elas. Não faltava da aula por nada, podia chover “canivete”. Uma vez fui para a casa da minha avó, que morava em Belo Horizonte, para chegar demorava meia hora de viagem; fomos apenas eu e meu pai, passamos o domingo lá. No outro dia era a rotina da escola, como eu estudava à tarde, meu pai resolveu que íamos embora na segunda de manhã.

No entanto, ele bebeu muito nesse dia e não conseguia se levantar no dia seguinte, e eu comecei a chorar dizendo que não queria faltar a aula de jeito nenhum. Com muito custo ele se levantou e meio cambaleando pegamos o ônibus de volta, eu só pensava em chegar a tempo para estudar. Meu coração acelerava de tanta ansiedade, no meio do caminho meu pai passou mal e vomitou no ônibus, lá se iam minhas esperanças de ir à aula naquele dia. Eu era muito pequena para entender o que acontecia, mas me lembro muito bem.

Chegamos na parada, minha mãe que já estava a par do acontecido, nos esperava. Desci do ônibus corri, vesti o uniforme mesmo sem tomar banho, pois não dava tempo e fui, cheguei um pouco atrasada, mas me deixaram entrar, uma luta muito grande, mas deu certo.

Gostava muito de ir para escola, e isso é um ponto positivo em minha trajetória escolar, todos os dias estava pronta no horário certo, tomada banho e com todas as tarefas feitas, era muito caprichosa com meus trabalhos, guardava tudo direitinho e não gostava que ninguém fizesse por mim.

Tive problemas com duas meninas nessa escola, elas eram aventureiras e gostavam de fazer o mal para as outras colegas. Elas começaram a pegar no meu pé, e eu tinha muito medo delas. Um dia estava eu terminando um trabalho de colorir que a professora pediu, estava tudo lindo, caprichado, e elas chegaram perto de mim e disseram, “Posso te ajudar a terminar?” Meu medo delas era tanto que tive que deixar. Elas rabiscaram meu trabalho todo com cores fortes, me fazendo chorar muito, contei a professora o que elas fizeram, depois desse dia ela ficava de olho nelas para não mexerem comigo.

Lembro-me também, que marquei com uma colega de ir na casa dela depois da escola, mas tinha que pedir minha mãe, ela não tinha costume de me deixar sair para lado nenhum a não ser para escola. Cheguei em casa, pedi para ela e a resposta foi não.

Eu insisti tanto, mas tanto, até que ela deixou. Fui para escola no outro dia muito feliz, mas com o pensamento em minha mãe, não gostava de deixá-la contrariada. Assim que acabou a aula, fui para casa da colega, ela tinha uma bicicleta e eu era louca para andar, fiquei toda contente, montei na bicicleta morro abaixo, ela estava sem freio e eu não tive saída a não ser virar para o lado, pois estava a toda velocidade, e trombei com tudo na parede, me machuquei dos pés à cabeça. A tal desobediência! Se a mãe disser não é não.

Cheguei em casa carregada pelo pai da minha colega, minha mãe me deu um banho esfregando todas as feridas, além de me bater por ter insistido, chorei muito de tanto que doía. Ela me levou para o hospital tarde da noite, fizeram alguns curativos, não tinha muito o que fazer pois estava toda esfolada. No dia seguinte, minha mãe não queria que eu fosse para a escola, mas eu comecei a chorar, pois não podia faltar de jeito nenhum, então, ela me vestiu a roupa, passou os remédios e me levou. Quando cheguei todos ficaram surpresos, por que que eu teria ido à escola se podia faltar com motivo? Eu logo pensei: “hoje é um dia especial para mim aqui”. E foi mesmo, todos me acolheram com tanto carinho, me ajudaram em tudo, e fui recompensada pelo meu esforço, pois era muito gratificante, o orgulho que as pessoas tiveram de mim, depois de trágica noite.

Nessa escola de jardim de infância vivi muitos momentos que me marcaram, trazendo minha vida para dentro da escola, tudo que acontecia lá me trouxe muito aprendizado e experiência. Havia festas juninas, que eram muito divertidas, lembro-me que não tinha condições de ter um vestido bonito, mas minha mãe comprou um vestido azul simples e me encheu de colares de pipoca, fiz sucesso nesse dia.

A maioria das escolas tinha o dia de piscina, lá no jardim também, porém era de mangueira. Colocava na mochila, o maiô, a toalha, a escova de pentear e uma troca de roupa. Como a gente se divertia! A professora era ótima, porém brava, não me recordo o nome dela,

mas tenho uma foto com ela guardada, uma foto da minha formatura, estava com um vestido rosa e uma sandália branca, minha mãe comprou o melhor que ela pôde e eu amei.

No ano 1983, meu pai ficou muito doente, com cirrose hepática por causa da bebida e veio a falecer. Não tínhamos mais como ficar na cidade, pois a família da minha mãe morava em Patos de Minas, e foi para onde a gente se mudou.

Estava com seis anos de idade, tinha feito todo o jardim de infância, e em Patos era preciso fazer o que chamavam de Pré-Primário, aqueles que tinham seis anos. Minha mãe me matriculou na primeira série, pois já tinha concluído o jardim de infância que substituiu o pré-primário. Estava matriculada na Escola Municipal Frey Leopoldo, que passava por uma obra. Enquanto isso fiquei no Santa Terezinha, logo depois fui para um local provisório, pois a nossa escola estava prestes a ser concluída a obra. O ensino era de 1 a 4 série, e cada ano era um professor diferente.

Nessa escola, não me recordo de nenhuma professora, porque houve muitas trocas em um só ano. Mesmo com todas as turbulências, aprendi a ler naquele ano, lembro que estudava com a cartilha *Caminho Suave*, lembro-me de cada letrinha que aprendi e como tive dificuldade com NH, letras que tinham nas primeiras palavras do livro “Caminho Suave”.

O professor, ao adotar o método do Texto Livre, deve então trabalhar para valorizar o contexto do aluno e, a partir dele, fazer com que o aluno se aproprie da língua-padrão. Trabalhar com textos livres significa que a escola não estaria mais centrada nas determinações da classe dominante, mas na vida e na realidade dos alunos.

Enfim mudamos para escola nova, tudo novo, paredes, carteiras, quadro de escrever verde, área do recreio (Pátio), banheiros, escritório, cantina, mesas de madeira grandes com bancos, um jardim florido e uma horta, com tudo isso ainda assim havia uma área enorme para futuras mudanças. Era muito bom começar estudar em uma escola novinha.

A gente se mudou para duas quadras perto da escola, para a qual ia a pé todos os dias. Acordava ansiosa para ir para escola, lá eles deixavam levar um brinquedo para hora do recreio, e cada dia um levava uma novidade. Tinha alunos de todas as classes sociais, mas a maioria eram de baixa renda, pessoas humildes. Fiz muitos amigos, e naquela época a amizade não era só dentro da escola, levávamos para fora.

Na segunda série, me lembro da professora, chamava-se Lígia, era loira, tinha os olhos vesgos, e era bem rígida, uma ótima professora, não tive nenhum atrito com ela, apesar de ter sempre notas na média, sempre pegava a sala B, que na época os alunos eram classificados por A, B, C, D.

Nesse ano fizemos um passeio com a escola, muito divertido, no dia que nos deram o recado para levar para as mães, foi aquela ansiedade. No bilhete estava escrito: “Prezados Pais, pedimos a autorização de vocês para levar seus filhos para um passeio ao Riviera o cinema da cidade, para ver o filme do Ursinhos carinhosos, iremos a turma toda a pé, vamos levar a pipoca, e fiquem à vontade para levar algo para beber. Atenciosamente a direção!”

Todos os pais autorizaram a saída dos seus filhos, mesmo porque a maioria nunca tinha ido ao cinema, por não ter condições para pagar, ou outros motivos.

Chegado o dia, que satisfação, todos nós reunidos no pátio da escola, foram dados todos os avisos necessários, que eram para ficar sempre juntos, seguir em fila, cada um segurar seu lanche, e na hora do filme fazer silêncio para não atrapalhar o colega, assim que acabasse a projeção do filme, todos deveriam fazer a fila para retornarmos à escola.

Foi um dia muito especial, que filme maravilhoso, chorei muito, até hoje me lembro do filme. A melhor parte do passeio foi a ida e a volta, a gente conhecendo os lugares, as lojas, vendo as pessoas circularem, para lá e para cá, um tropeçava ali, outro dava risada aqui, alguém pegava alguma coisa no chão, outro dedurava para professora, foi uma farra tanto na ida quanto na volta. Que ideia genial tiveram a direção da escola e a professora em fazer esse passeio. A professora ficou muito feliz, porque nos comportamos bem, e disse que repetiríamos em breve o passeio e que para isso acontecesse a gente precisava fazer um trabalho sobre o passeio e uma redação do que entendemos do filme, bem caprichado, nos deixando muito interessados.

Aprender não tem que ser exclusividade da sala de aula. Uma visita organizada a um museu ou centro cultural, em turma, com acompanhamento do professor, costuma motivar as crianças e ajudá-las a visualizar o ponto exato em que a teoria do conteúdo curricular e a magia da vida e da natureza se encontram.

Na terceira série, não me recordo das professoras, só me lembro que foi um ano difícil, matérias novas, muita troca de professores durante o ano, tinha apresentações de livros de leitura, nas quais tinha muita dificuldade de apresentar por ter vergonha de estar na frente de todo mundo, tinham muitos questionários que nos davam para dever de casa, e a dificuldade que eu tinha pra fazê-los porque não tinha ajuda em casa, nem da minha mãe, nem das minhas irmãs. Eram questionários imensos, com perguntas grandes e complexas, trabalho a serem feitos com muito tempo de pesquisa, para serem bem feitos.

Uma vez a professora passou um desses questionários e eu fiz tudo errado, tive que refazer passar tudo a limpo, e mesmo atrasada eu o fiz, deixei tudo pronto para levar no dia seguinte. Eu e minha irmã tivemos uma briga naquela noite, ela ficou tão brava que rasgou meu caderno todinho, o mesmo que eu tive aquele trabalho todo de consertar o questionário, chorei

muito, não tinha o que fazer, minha mãe teve que ir na escola dar uma explicação se não ia tomar bomba. A professora aceitou que eu refizesse em caderno novo apenas as respostas do questionário, foi mais tranquilo, pois já tinha respondido duas vezes. Aprendi uma lição, não deixar nada para última hora porque pode acontecer imprevistos, e deixar meus materiais em lugar onde fica difícil acesso para outras pessoas, assim mesmo com todas essas dificuldades consegui passar de ano, com mais experiências para vida.

A quarta série, foi um ano doloroso, cheios de altos e baixos para mim, achei que já tinha passado tudo de mais difícil no ano anterior, mas não. Passei para o turno da manhã, tinha muita dificuldade de acordar cedo, minha mãe me acordava com objetos voadores, sempre atrasada, com fome e com sono. Ia para escola correndo para não fechar o portão, a minha luta já começara ali. Na escola tínhamos um leite com açúcar queimado e bolachas de maizena no café da manhã, era um momento especial, pois não tínhamos costume de tomar café da manhã em casa, por não ter condições mesmo.

Na minha sala foi substituída uma professora por outra, que dava aula só para as turmas A, aquela sala só de alunos aplicados, que realmente estavam ali para estudar e não para brincar, e que merecidamente estavam na primeira sala. Ela se chamava Dalva, era morena clara, fortinha e bem rígida, chegou colocando ordem na sala, e como sempre fui da sala B, me senti rejeitada por ela.

Essa rejeição me fez regredir muito, não era de boas notas, mas no comportamento não dava trabalho. Eu me sentava nas últimas cadeiras por ser uma das maiores da sala, no tamanho, e quem se sentava no fundo tinha a fama de não querer estudar. Dona Dalva, viu que eu estava fraca nas matérias e me colocou sentada mais a frente, onde causou muito incômodo para quem sentava atrás, e todos viram que ela não estava de brincadeira, e que queria ver diferença no nosso meio.

Eu não gostava de ser comparada com os alunos da sala A ou da sala C, e ela sempre fazia isso, sempre nos constrangendo, pois não éramos ruins, apenas de outra sala, onde as notas não foram tão boas quanto.

Para favorecer os mais favorecidos e desfavorecer os desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore no conteúdo do ensino transmitido, nos métodos e nas técnicas de transmissão e nos critérios de julgamento, as desigualdades culturais entre as crianças provenientes das diferentes classes sociais; em outros termos ao tratar todos os ensinados, por mais desiguais que sejam, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a sancionar as desigualdades iniciais frente à cultura. A igualdade formal que regula a prática pedagógica, na verdade, serve de máscara e de justificação às desigualdades reais frente ao ensino, e frente à cultura ensinada, ou, mais exatamente, exigida. (BOURDIEU, apud PERRENOUD 2001, p. 66).

Houve outro passeio nesse ano, seria com todas as turmas, cada uma com seu professor em três ônibus, dessa vez o passeio seria mais longe, foi quando juntamos as turmas A, B, C, seria uma visita a “vaca eletrônica”, a empresa que fabricava o leite de soja, foi uma quebra de gelo, pois esse ano estava tenso.

Precisamos nos aproximar daquilo que "pulsa", daquilo que nos une, que nos coloca junto nessa Terra. Enquanto educadores, precisamos desenvolver mecanismos que ajudem as pessoas e a nós mesmos a sentir o pulsar da vida. Existe um pulsar que está muito além das formas diversas que a vida tem para se manifestar. Essa percepção amplia a visão que cada um tem do mundo em que vive. Esse pulsar da vida é melhor e mais facilmente percebido quando entramos em contato com o mundo natural. Daí a importância das vivências com a natureza. (MENDONÇA, 2007, p. 122).

“Na escola deve-se conservar ordem, disciplina, autoridade e dignidade, mas a ordem que resulta de uma melhor organização do trabalho, a disciplina que se torna solução natural de uma cooperação ativa no seio de nossa sociedade escolar” (FREINET, 1985, p.90).

Com o mesmo procedimento tomado do passeio anterior, fomos passar a manhã, lá, conhecemos o local, como era processado o leite, como era colocado nas embalagens e logo todos nós ganhamos um pouco para beber, a maioria não gostou, eu nunca tinha tomado algo tão ruim, um leite muito nutritivo e que as escolas ganhariam para dar aos alunos, e que não agradou ninguém, tanto que joguei o meu inteirinho fora e fui repreendida pela professora que já não gostava de mim, ou eu achava que não.

Na saída ganhamos leite para levar para família, tinha sido uma manhã bem interessante, ganhei novos conhecimentos, diversão, insatisfação, uma turbulência de sentimentos que me trouxe um grande aprendizado, proporcionando alegria e prazer, pelo simples motivo do passeio com os colegas e os professores.

O ano foi passando, e eu não me preocupei com minhas notas, na verdade nem sabia fazer as contas de quanto faltava para passar de ano, pois aquela história de bomba, na minha cabeça, não aconteceria de verdade. Todo ano tinha uma festinha de encerramento para quem estava na quarta série, pois seria o meu último ano nessa escola. Minhas colegas planejavam uma apresentação de dança, e eu como tinha muita vontade de participar, dei meu nome, sabendo que seria uma batalha difícil para mim, pois tinha muita vergonha de me expor em público.

Começamos os ensaios, no início estava bem empolgada, estava dando tudo certo, iria realizar um sonho. Um dia me bateu uma tristeza que me fez desistir de apresentar a dança, já era os últimos dias e a professora foi contar nossas notas, quem tinha passado, quem pegou recuperação e quem tomou bomba. Ela disse o nome de todos, todos aprovados, menos eu,

tomei bomba direto em matemática, parece que naquele momento meu mundo caiu. Me passou tanta coisa na cabeça; por que não estudei mais, por que não fiz as contas para tentar resgatar meus pontos, o que meus parentes iam pensar, aqueles prêmios que ganhava por passar de ano, não iam ter esse ano, e que bom que desisti de dançar, pois não ia ter clima para isso. Um conflito de emoções, que geraram muito desânimo.

Fiquei mais um ano nessa escola, recuperei meu ano perdido, ficando mais forte para ir para quinta série, minhas recordações foram ótimas apesar de tantos conflitos, mas que foram importantes para meu crescimento e meus conhecimentos.

Matriculei-me na 5ª série, na Escola Estadual Professor Antônio Dias Maciel (Normal). Nessa época era preciso fazer uma prova de seleção, quem conseguisse passar, garantia a vaga. Era muito difícil, pois era preciso passar a noite na fila, para conseguir se inscrever para depois fazer a prova.

Eu passei, não com uma nota muito boa, por isso fui para 5ª série B, normal para mim, tudo ótimo. O período de séries era da 5ª série a 8ª série fundamental, depois ia para o 1º ano ao 3º ano, com dois cursos integrados; o magistério que era o curso normal e o científico, que era um preparatório para quem fosse fazer faculdade.

O uniforme era uma jardineira azul, blusa de gola polo branca com o emblema da escola, sapatos sociais pretos e meias brancas até no joelho, amava esse estilo formal. A escola era enorme, tinha umas escadarias, dois andares, um pátio bem grande, quadras de esportes, galpão para reuniões e palestras, vários banheiros, cantina, salas bem grandes com quadros verdes, biblioteca, laboratório de ciências, secretaria, sala do diretor, tudo muito bem separado e organizado.

O Normal, até o ano anterior que entrei, era uma escola só para meninas, e nesse ano começaram a mudar, já se matriculavam meninos também. Havia apenas três meninos, em toda a escola, dois eram da minha turma, o que chamava muita atenção, eram uns príncipes, todo mundo tratava bem e nunca se sentiam rejeitados e sim privilegiados.

Foi um ano totalmente diferente para mim, em relação a tudo. Havia duas 5ª séries, eram vários professores, cada um para uma matéria diferente. Foi um pouco difícil para me adaptar a tantas mudanças, mas foi um grande aprendizado. Na 6ª série, foi mais tranquilo quanto às atividades, era uma revisão do ano anterior, foi quando relaxei um pouco. As pessoas me diziam que a 7ª série era muito difícil, eu não acreditava, para mim estava tudo tranquilo.

Quando estava na 7ª série, vi que realmente estava tudo muito mais difícil, me lembro da professora de história, chamava Zezé, ela era simpática, tinha uma voz meio rouca, andava muito bem vestida, tinha um problema no braço, o que faziam os alunos a apelidarem com

nomes estranhos, implicavam, porque suas aulas e suas provas eram de “matar”, toda a sala tirava nota ruim, as minhas eram péssimas.

A professora de ciências levava a gente para o laboratório, lembro que esse lugar era do lado da minha sala, era o melhor dia de aula, fazer experiências com bichos, sapo, rato, mexer com tubos, trabalhar com microscópio, fazer misturas químicas. O conteúdo era bom para duas matérias, a de ciências e química. Foi um grande aprendizado, e muita diversão nessas descobertas.

No ateliê Biblioteca os livros ficam em uma prateleira e em uma estante de forma bem acessível a todas as crianças. É um espaço que contém não só diversos livros de histórias infantis

A professora de português levava a gente para a biblioteca, eu lia um pedaço do livro e o restante depois de dois dias, porque era só uma hora de tempo para ler o que desse para ler, podia levar o livro para casa, mas o interessante era a curiosidade para terminar o livro.

Isso era bem interessante, eu ficava pensando no fim da leitura até a próxima aula que acontecia apenas duas vezes na semana. Essas foram algumas experiências que me incentivaram à leitura e me deram algumas ideias para o futuro. Também me despertou a vontade de escrever, escrevia poesias, coisas da minha vida, como se tivesse fazendo um diário, apesar de não ter condições financeiras para ter um diário, minhas histórias eram bem dramáticas, e precisava muito guardar aquilo para mim, pois não tinha privacidade em casa. Escrevia me resguardando em algumas coisas, e isso me frustrava.

O professor de educação física, João Bosco, vulgo Bosquinho, era um ótimo professor, a gente treinava como se fosse para competição, no período de jogos olímpicos, ele levava cada dia uma turma para o PTC, um clube onde eram realizados os jogos de campeonato. Esses passeios eram maravilhosos, era um ótimo passatempo para quem não queria ficar em sala de aula, sentada ali por quatro horas. Passatempos que traziam um grande aprendizado, além de proporcionar alegria e prazer.

De acordo com Freinet, na escola tradicional, cabia aos professores educar os alunos. Assim como alguns escolanovistas, Freinet desloca o eixo propondo que o aluno se eduque por meio do auxílio do professor e não através de sua interferência direta; o processo de ensino e aprendizagem deve se manter distante de qualquer ensino sistematizado e direcionado, pois eles inibem a liberdade, criatividade e autonomia das crianças. (COSTA, 2007, p. 3-4).

Nesse ano fui muito mal, peguei recuperação em quatro matérias e não consegui passar em história, fui reprovada com a Zezé, e só em pensar que o próximo ano seria com ela de novo me desanimava.

Assim foi repetir mais um ano, apesar de ficar para trás dos meus colegas, via como um prêmio, teria a oportunidade de refazer aquilo que não tinha aprendido. Na 8ª série, foi um ano tranquilo, estava me preparando para a formatura do fundamental, já tinha que pensar o que eu queria fazer no 1º ano do ensino médio. Escolhi o científico, mesmo sabendo que não ia ter condições financeiras para ir para uma faculdade tão cedo.

Achei o 1º ano, o mais difícil de todos, tanto que me reprovei mais uma vez. Já estava me desanimando, pois tinha que tomar uma decisão e eu tomei a errada, podia ter escolhido o magistério, que já saía do ensino médio com uma garantia de emprego.

No 2º ano, comecei bem desanimada, passei a estudar no turno da noite, o que foi a gota d'água para eu não querer mais estudar. Larguei a escola. Fiquei bem desanimada com tudo, aquele tipo de estudo já não me interessava mais, fiquei sem esperanças, sem dar orgulho para minha mãe, sem pensar em algo promissor para o futuro. Tentei fazer vários cursos, de pintura, digitalização, computação, enquanto trabalhava de babá. Pensei até em escrever um livro, todos os dias escrevia um pouco, a cada dia eu escrevia melhor, mas com informações minhas, coisas que só eu sentia, coisas que só eu sabia e pensava, meus medos, minhas frustrações, minhas alegrias, tristezas, e meus sonhos.

Um dia tive uma discussão com a minha mãe, e ela revelou tudo o que eu estava escrevendo, foi quando percebi que ela leu o que eu estava escrevendo, ela usou meus sentimentos para me atacar, para me deixar para baixo, para me desanimar ainda mais de meus sonhos, ela me jogou um balde de água fria, não pelo momento, que era passageiro, era só uma discussão, mas pelo estrago emocional que me causou, nunca mais consegui escrever, tinha medo de alguém ler e me tirar a privacidade.

Assim fui levando a vida só trabalhando de babá. Em um desses empregos, fui chamada para sair da cidade, continuar trabalhando e na nova cidade iria terminar meus estudos. Minha patroa pediu permissão para minha mãe, que consentiu. Fui para Araçatuba SP, morei lá um ano, onde concluí o 2º ano do ensino médio em uma escola ótima, mas não me lembro o nome, tive ótimas experiências, nessa escola, me lembro de ser muito boa em matemática, me sentia orgulhosa de mim, acho que estava precisando desse tempo para me reconectar.

Eles, meus patrões me ofereceram casa e comida para eu ficar lá e frequentar uma faculdade federal que havia muitas, por ser cidade grande. Eu queria muito, mas não consegui ficar longe da minha mãe tanto tempo. Eu era muito apegada a ela, terminei o ano e voltei para Patos, ficando mais um tempo sem estudar.

Não me lembro de datas, acho que tinha 22 anos até então e depois disso fiquei muitos anos sem estudar, trabalhei, fiz concurso para marinha, não terminei, desisti antes da hora, pois

estava dando um custo muito grande para minha mãe e eu tive medo de decepcioná-la. Era meu grande sonho me formar em algo, que não me exigisse o 2º grau completo e que ia me realizar profissionalmente, para o resto da minha vida, ia deixar minha mãe orgulhosa. Ter desistido foi o maior arrependimento da minha vida.

Com 25 anos, tive meu primeiro filho, não pensava mais em voltar a estudar, já tinha me decidido. Com 32 anos tive outro filho, e me deu vontade de voltar a estudar, terminar o 2º grau. Com 36 anos, me matriculei no Seseq, uma escola de Patos de Minas. Tive que fazer os três anos do ensino médio tudo junto, foi uma ótima experiência, fiz provão, consegui passar em português por ter redação, pois sempre gostei de escrever. As outras matérias tive que fazer por etapas. Os alunos usavam a biblioteca para estudar, podiam escolher o horário, manhã ou noite, eu ia nos dois horários, não todos os dias, mas a noite era melhor, eles ofereciam janta na hora do lanche, era deliciosa.

Conseguí concluir o 2º grau, foi uma etapa crucial para minha vida, era tudo ou nada. Fui fazendo provas para concursos, passei em alguns, mas nunca fui chamada, fiz alguns processos seletivos, queria dar um valor para o meu 2º grau completo, amei colocar no meu currículo.

Com 39 anos estava trabalhando, na cantina da escola que estudei, Frey Leopoldo, quando algumas colegas de trabalho comentavam sobre uma inscrição da UFU para fazer um curso à distância, e eu até brinquei “quero fazer também”. Elas me deram a maior força, tanto que me ajudaram com a inscrição e até a escolher o curso melhor a se fazer. Escolhi o curso de pedagogia à distância, pois gosto muito de crianças e quando era criança gostava de dar aulas, além de admirar os professores, achava que eles sabiam de todas as coisas. Feita a inscrição, marcaram o dia da prova, eu adorava fazer provas de concurso, processos seletivos, e não imaginava a dimensão da situação, achava que estava indo fazer mais uma prova das que sempre fazia, mas não, era a de uma Federal.

No dia da prova encontrei um monte de colegas, pessoas que já tinham outros cursos, que já atuavam em outras áreas. Achei a prova difícil porque já tinha um tempo que tinha acabado os estudos, mas ainda tinha lembranças em minha cabeça. Amei o tema da redação. Sai de lá feliz pela redação, mas não tinha me saído bem na prova, segundo o que minhas colegas comentaram sobre o gabarito da prova.

Dia do resultado, a média era 10 pontos e eu tirei 9 na prova, e me desanimei, minhas colegas, umas tiraram 10 e outras 12 pontos, elas estavam esperançosas, pois tinham obtido a média na prova. Houve um recurso sobre uma questão, que foi anulada, e assim consegui a média na prova, agora era esperar o resultado final.

Passei em oitavo lugar na UFU, para pedagogia de primeira chamada, foi para mim inexplicável, pois das minhas colegas somente eu e mais uma conseguimos passar. Era para ser meu, Deus abriu essa porta para mim, minha família nem acreditou que isso foi possível, pois já não esperavam muita coisa de mim, mas o pior ainda estava por vir, pois a tecnologia para mim é um bicho de sete cabeças.

Tive que enviar alguns documentos, já queria desistir desde já, mas minhas colegas me incentivaram e me ajudaram no que foi preciso. Preciso fazer um vídeo para me autodeclarar negra, e vários outros procedimentos, que não foram nada fáceis de enviar. Em 2018, comecei fazer o curso à distância, que foi o maior desafio da minha vida, por encarar essa tecnologia. Todos os dias minha mãe me pegava chorando, em frente o computador, não conseguia acessar as plataformas, não conseguia enviar mensagens pedindo ajuda, e ela dizendo calma, você já chegou até aqui, vai aprender com o tempo, foi muito difícil, quis desistir várias vezes nesse primeiro ano.

Aconteceu que no dia 3 de outubro, minha mãe veio a falecer, com uma parada cardíaca, foi o pior dia da minha vida, perdi meu chão, não tinha mais motivos para continuar, queria muito dar orgulho a ela e não pude. Depois disso achei que não conseguiria retomar os estudos. Com muita força das colegas e paciência que elas tiveram comigo pude continuar. Fizemos uma matéria específica sobre o curso à distância, para ela foi preciso fazer um relato sobre como foi nossa experiência, e neste relato coloquei toda minha dificuldade. Primeiro foi a nossa apresentação:

Eu sou Kelly Diniz Xavier estou muito feliz de ingressar na Ufu, moro em Patos de Minas, sou funcionária pública, trabalho em uma escola, a única experiência que tenho. Gosto de aprender de tudo um pouco, mas não sou muito boa com essa tecnologia de hoje, quero muito me aperfeiçoar. Minhas expectativas são grandes quanto a esse curso, espero que me acostume, pois é a primeira vez que faço curso à distância. Tenho 2 filhos que são a minha vida e espero que essa caminhada seja abençoada por Deus.

Essa foi a resposta da minha tutora, que se chama Cláudia Campos:

Olá Kelly! É com muita alegria que recebemos você aqui! A Educação a Distância é um desafio que desenvolve a autonomia do aluno e o torna proativo, além da flexibilidade de horário que contribuem para uma educação de qualidade. A equipe da UFU está pronta para ajudá-la sempre que precisar! Seja bem-vinda!

3. PEDAGOGIA FREINET: AULAS PASSEIO

Tenho como objetivo neste capítulo recortar trechos, citações importantes dos textos que pesquisei e estudei e citá-los para demonstrar ao leitor minha compreensão sobre a aula passeio como instrumento que possibilita a aprendizagem.

Na Revista pesquisada (ZUNAI, 2019) fala-se muito sobre o Freinet e Elise na criação e aperfeiçoamento das práticas da escola moderna. Freinet, filho de fazendeiros, soube combinar as experiências e expectativas do dia a dia, transformando tudo em um novo método de aprendizado e ensino.

Imagem 1 – Freinet com seus alunos



Fonte: L'école libre Freinet à Vence (Alpes-Maritimes, France). En 1953. Georges Dudognon / adoc-photos. Disponível em: celestin-freinet-1517438363957_615x300

Segundo apresenta a revista (ZUNAI,2019), Célestin Freinet (1896-1966) nasceu em Gars, na França e serviu durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Uma lesão pulmonar limitou as possibilidades físicas, mas não o impossibilitou de, em 1920, conceber a ideia de uma escola moderna, baseada em uma filosofia de vida libertadora e revolucionária. Em pouco tempo, suas ideias conquistaram o mundo em colaboração com sua esposa Elise e um grupo de companheiros.

Conforme coloca Sampaio (1994, p.2),

Freinet iniciou seus trabalhos em 1920 em uma casa antiga, pobre e escura, que tinha as carteiras em mau estado, dispostas em fila, de maneira tradicional. Apesar de estar realizando o seu sonho de ser professor, faltava a Freinet a experiência pedagógica, pois devido à guerra, não havia terminado o curso normal.

Segundo Oliveira Formosinho (2007, p. 141):

Quando Freinet teve idéia da aula passeio, era um homem muito audacioso e quando queria descobrir alguma coisa, entregava-se inteiramente a esse projeto, procurando a solução até conseguiu-la, não obedecendo a regras preestabelecidas. Dizia que “se o interesse das crianças estava lá fora, por que ficar dentro da classe, lendo trechos de manuais com frases sobre assuntos desinteressantes para elas?”

Assim decidindo levar os alunos para onde eles se sentiam felizes: lá fora, todos os dias organizava a aula-passeio, se juntavam, passando pelas ruas estreitas da vila, parando um pouco para admirar o trabalho do marceneiro ver e ouvir as marteladas fortes e firmes do ferreiro, passeavam pelos campos que, em cada estação do ano aguçavam mais a curiosidade dos alunos. As flores que se abriam na primavera, o amadurecimento dos frutos, e logo a colheita dos frutos. Observavam os animais como os pássaros, o meio em sua volta, nuvens, matas, vento, água dos rios, eram mágicos momentos. Cada aluno tinha uma reação, como questão pessoal, suas percepções de mundo tanto quanto suas curiosidades.

Quando voltavam para a sala de aula, o ambiente era outro, todos querendo falar sobre suas experiências, o que viram, como viram, o que sentiram, até o que trouxeram para dentro da sala, pois a cada trecho, uma história, uma vida entrando na sala de aula.

Segundo Ferrari (2008), o educador francês desenvolveu atividades hoje comuns, como as aulas-passeio e o jornal de classe, e criou um projeto de escola popular, moderna e democrática.

Muitos dos conceitos e atividades escolares idealizados pelo pedagogo francês Célestin Freinet se tornaram tão difundidos que há educadores que os utilizam sem nunca ter ouvido falar no autor. É o caso das aulas-passeio (ou estudos de campo), dos cantinhos pedagógicos e da troca de correspondência entre escolas. É necessário conhecer a fundo a obra de Freinet para fazer bom uso desses recursos, entender a teoria que motivou sua criação deverá possibilitar sua aplicação integrada e torná-los mais férteis.

3.1 Aula passeio

O conceito de aula passeio, foi criado por Freinet, veio justamente pela observação de que as crianças para quem lecionava, se comportavam com tanto entusiasmo ao ar livre, enquanto que dentro da sala de aula pareciam desinteressadas.



Fonte: Disponível em: <http://paraalemdosmurosdaescola.blogspot.com/2015/06/oconceito-de-aula-passeio-foi-criado.html>

Para Ferrari (2008), a pedagogia de Freinet se fundamenta em quatro eixos: a cooperação (para construir o conhecimento comunitariamente), a comunicação (para formalizá-lo, transmiti-lo e divulgá-lo), a documentação, com o chamado livro da vida (para registro diário dos fatos históricos), e a afetividade (como vínculo entre as pessoas e delas com o conhecimento).

Ainda para Ferrari (2008), Freinet se inscreve, historicamente, entre os educadores identificados com a corrente da Escola Nova, que, nas primeiras décadas do século 20, se insurgiu contra o ensino tradicionalista centrado no professor e na cultura enciclopédica, com a proposta de uma educação ativa em torno do aluno. Para Freinet, todo conhecimento é fruto do que chamou de tateamento experimental - a atividade de formular hipóteses e testar sua validade - e cabe à escola proporcionar essa possibilidade a toda criança.

Segundo Schunk (2019, p. 3464) os conceitos que estão sendo estudados em sala de aula quase que ganham vida quando explorados fora dela. Percebe-se também que muitos alunos durante as aulas-passeio adotam um comportamento mais atento e menos desafiador em aulas externas, do que quando estão dentro da sala de aula.

Ainda segundo Schunk (2019, p. 3464) com os estudos das Neurociências é possível saber que o cérebro, principalmente da criança, aprende melhor quando é altamente motivado, em comparação com o que não têm motivação. Ou seja, “é cada vez maior a evidência de que a diversão é uma experiência muito positiva para o aprendizado. Isso acontece porque experiências satisfatórias fazem com que o corpo libere dopamina, ajudando o cérebro a se lembrar dos fatos com mais agilidade”.

Herculano-Houzel, neurocientista, (2020, p. 3465), destaca que “A aprendizagem é um processo e depende fundamentalmente de experiência, o nosso cérebro aprende por tentativa e erro, ele vai se esculpindo a si próprio conforme ele é usado.” Ao afirmar isso, Herculano-Houzel corrobora com o que pretende um dos 4 pilares da educação: Aprender a FAZER, que nada mais é do que “O educando através da EXPERIÊNCIA e da PRÁTICA vai tornando a aprendizagem mais significativa, pois aprendemos a medida em que experimentamos e fazemos novas associações” os outros pilares são: aprender a SER, aprender a CONHECER e aprender a CONVIVER, que são facilmente contemplados durante uma boa aula-passeio.

Segundo o autor, a partir das experiências vividas nas aulas-passeios, compreende-se ser importante que se conte com a presença das famílias por alguns motivos, acreditando que esses momentos podem ser uma ótima oportunidade de estreitar laços, reafirmando a parceria escola-família, para que elas vejam e reconheçam o valor e importância do trabalho que é realizado na escola, representando uma oportunidade das famílias acessarem espaços públicos ou privados de cultura, que muitas vezes desconhecem ou lhe são negados, além das famílias serem braços a mais que auxiliarem a equipe nos diversos momentos de deslocamento e de cuidado com as crianças.

Entre os espaços passíveis de visitas estão: museus, praias, parques, praças, jardins, teatro, cinema, circo, bibliotecas, zoológico, feiras, entre outro, assim de acordo com o assunto de interesse do grupo a ser conhecido, ou o tema de estudo do momento, a necessidade de saída de escola se justifica.

3.2 A AULA PASSEIO COMO POSSIBILIDADE DE APRENDIZAGEM

As autoras Corso e Ruppel (2021, p. 1-14) no artigo *A pedagogia freinetiana no contexto da educação infantil: um olhar sobre a aula passeio* nos explica como a técnica da aula passeio possibilita a aprendizagem:

Freinet busca atender as necessidades vitais das crianças e, assim, conhecendo cada vez mais a personalidade de seus alunos, passa a questionar sobre as rígidas normas educacionais. Percebendo, que na classe não havia nada que motivasse as crianças, e que o interesse estava lá fora, nos animais, nas pedras, nos rios, entre outros. Freinet passou então a organizar as aulas passeios diariamente. [...] Freinet, sentiu necessidade de encontrar uma nova forma para aprendizagem da leitura. Então, quando voltava dos passeios com as crianças, escrevia na lousa o que viram no passeio, as crianças falavam, liam, e registravam. Só depois copiavam em seus cadernos, ou ilustravam o texto. [...] Freinet (1979) salienta que, esses textos livres transcritos no quadro-negro, lidos senão sempre com os olhos já esclarecidos pela prática da leitura, eram copiados no caderno assim que voltavam do passeio, porém com uma

caligrafia tão hesitante quanto à leitura que lhes dava sentido. [...] Freinet deixou-se conquistar por essa expressão criadora da criança, ele a via com a mesma capacidade do adulto. Pois para Freinet (1979), somente a prática ensina e educa, porém é preciso que a prática seja orientada por diretrizes eficientes, com um aprendizado significativo. [...] A criança precisa ser vista como um sujeito em potencial que precisa de estímulo para se desenvolver e aprender. Nesse sentido, a ideia era prolongar por mais tempo possível esses instantes vividos pelas crianças através da aula passeio, pois a alegria vinha estampada no rosto das crianças ao reencontrar o que já conheciam, podendo entrar no campo da simbologia e por consequência do conhecimento. [...] Segundo Sampaio (1997), a partir daí a relação tradicional entre professor e aluno se modificava e Freinet num gesto que se tornou simbólico, retirou o estrado de sua cadeira de professor e passou a sentar-se junto com seus alunos.

Freinet encontrou uma escola tradicional, promotora de uma conduta egocêntrica, distante do cotidiano, com horários e conteúdo a serem cumpridos, instruída por um livro didático limitado, de carteiras enfileiradas, alunos copiadores e sujeitos às ordens do professor que reforçava sua autoridade em cima de um estrado (SOUZA; DANTAS, 2007 apud SAMPAIO, 1989).

Segundo o autor citado, esse retrato da escola provocava em Freinet um grande desassossego, pois observava que o interesse dos alunos estava fora da sala de aula e não dentro dela. Foi a partir dessa constatação que pensou em organizar o que chamou de aula-passeio.

Ao propor a saída dos alunos da escola para uma aula-passeio, Freinet (1975) constatou o entusiasmo entre eles. Explorando os arredores, percebeu-se a curiosidade pelos acontecimentos extraclasse e a partir disso as aulas-passeio foram sendo incorporadas ao cotidiano da escola. Porém, embora tendo nascido das condições de ensino de que dispunha, o próprio Freinet reconhecia a inadequação do termo aula passeio, em virtude do sentido restrito que sua utilização poderia trazer.

O próprio Freinet (1975, p. 23), “a expressão fora evidentemente mal escolhida, pois os pais supunham que as crianças não iam à escola para passear e o inspetor não desejava, certamente, percorrer os campos para encontrar as suas ovelhas.” mesmo com esta preocupação, a utilização dessa técnica se adaptava perfeitamente às condições de saúde de Freinet, comprometida a partir de sua participação na Primeira Guerra Mundial, o que gerou para ele sérios problemas respiratórios.

Freinet ao conceber a aula-passeio, buscou exatamente a possibilidade de dedicar-se a um trabalho mais ameno e eficiente, uma vez que a rotina da aula tradicional o impediria de exercer a profissão em função da sua pequena resistência física, advinda do comprometimento dos seus pulmões por ocasião da sua participação na guerra, e ao mesmo tempo possibilitaria uma aula mais fascinante para seus alunos ao explorar o meio

ambiente e o meio social, deixando de lado as lembranças nada agradáveis da guerra, para ele e seus alunos.

Abaixo segue um exemplo de aula passeio:



Fonte: <https://diocesanocaruaru.g12.br/noticia/aula-passeio-em-serra-dos-cavalos/>

No site da escola Colégio Diocesano de Caruaru (2017) temos a explicação da imagem:

Parque João Vasconcelos Sobrinho, conhecido como Serra dos Cavalos, foi o destino de uma aula passeio realizada com os alunos dos 2º anos do ensino fundamental. No parque, eles conheceram a vegetação e o relevo em contato direto com a natureza.

De acordo com a supervisora pedagógica Joelma Lúcia, as aulas-passeio, além de levarem os alunos à vivência prática dos conteúdos, também contribuem no processo de autonomia dos estudantes. “Eles aprendem a ter responsabilidade, pois estão longe dos pais e precisam ter compromisso com horário e saber se comportar nos locais, o que acaba contribuindo para a aquisição da autonomia. Eles vão se sentindo mais independentes”, explica.

A partir das leituras que realizei pude fazer recortes dos textos lidos e compor minha compreensão sobre o tema, a técnica da aula passeio. Espero assim poder colocá-la em prática em minha vida profissional.

CONCLUSÃO

Foram fundamentais e de grande aprendizado estudo a aula passeio como técnica a ser usada com as crianças. Analisando meu trabalho acadêmico pude lembrar toda minha trajetória escolar, meus passeios, minhas conquistas, minhas derrotas. A primeira parte deste memorial reflexivo foi uma viagem e tanto poder voltar ao tempo.

Essa retrospectiva emocionante mostrou-me que se não fossem as experiências e vivências do passado, eu não teria chegado onde cheguei. Comparando minhas vivências com o tema que escolhi, percebi o quanto essas experiências já eram escritas e praticadas por Célestin Freinet, o seu projeto aulas passeio, que hoje estudo, outrora vivi.

Não me recordo na época se meus professores citaram Freinet, quando planejavam as aulas passeio, mas hoje acredito, que com esse aprendizado, posso levar adiante e transformar essa ferramenta em conhecimento para meus alunos, levando-os às práticas, melhorando a cada dia mais, pois foi e sempre será uma forma de muito aprendizado.

Segundo Oliveira Formosinho, Freinet se atreveu indo descobrir, apostando em tudo, até alcançar seus objetivos, mas sempre seguindo as devidas regras, tinha uma concepção que dentro da classe não se progredia, mas que lá fora era o atrativo para a aprendizagem, onde os alunos se sentiriam livres, satisfeitos.

Nos artigos e livros de minha pesquisa, os passeios feitos como exemplo, são parecidos com os passeios que fiz em minha trajetória escolar. Quero levar as aulas passeio, adiante para planos futuros, pesquisas futuras, a vida e obra desse autor Célestin Freinet enriqueceu os meus estudos, ajudando abrir minha mente para novas ideias e proporcionando sabedoria e conhecimento.

Referências

BARROS, Flávia Cristina Oliveira Murbach de.; VIEIRA, Andréia Maria de Souza. *A aula-passeio como experiência vivida: Freinet no ensino superior*. 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/25049_13216.pdf

FREINET, Célestin. *O texto livre*. Lisboa: Dinalivros, 1976.

_____. *Para uma escola do povo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Pedagogia do bom senso*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Técnicas Freinet da escola moderna*. Lisboa: Estampa, 1974.

_____. *As técnicas Freinet da Escola Moderna*. Lisboa: Editorial Estampa, 1973.

FREINET, E. *Nascimento de uma pedagogia popular*. Lisboa: Estampa, 1978.

_____. *O itinerário de Célestin Freinet*. São Paulo: Francisco Alves, 1979.

MARTINS, C.A.; ALOISI, M. As técnicas pedagógicas de Célestin Freinet: um estudo de caso com o “jornal escolar”. Disponível em: http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/viiienpec/resumos/R1706-1.pdf

REVISTA ZUNAI, 2019. Disponível em: <https://revistazunai.com.br/celestin-freinet-pedagogia/>

RUPPEL, Jussara de Fátima Ivanski; CORSO, Angela Maria. A pedagogia freinetiana no contexto da educação infantil: um olhar sobre a aula passeio. Disponível em: <https://anais.unicentro.br/seped/pdf/iiiv3n1/156.pdf>

SAMPAIO, R. M. W. F. *Freinet: evolução histórica e atualidades*. São Paulo: Scipione, 1989.

SCHUNK, Patrícia Batista. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/contribuicoes-neurociencia-educacao-791927.shtml>

Sites citados

ESCOLA NOVA. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1754/celestin-freinet-o-mestre-do-trabalho-e-do-bom-senso>

UNIVERSIA. Disponível em: <http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/07/05/948393/como-neurociencia-esta-invadindo-as-salas-aula.html> Acesso fev.2016

MEU CÉREBRO. Disponível em: <https://meucerebro.com/neurociencias-e-os-4-pilares-da-educacao-propostos-para-o-seculo-xxi/>